

Semanário de
Actualidades e Reportagens
N.º 112 — ANO III

Preço 1 Escudo

reportagem

SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LER NESTE NUMERO: Homens e Factos do Dia — A morte do meu amigo bandido — O que está por detrás da questão dos Vinhos do Pôrto — Pequenos Mártires — Estatísticas de guerras — Salazar — A perspectiva do futuro, etc., etc.

ESPECTACULOS

DE LISBOA

TEATROS

Avenida — Um grandioso programa, «O Noivo das Caldas».

Nacional — A engraçadíssima comédia, «O Homem das calças pardas».

CINEMAS

Condes — A obra prima do cinema francês, «Os Três Mosqueteiros».

S. Luís — A linda opereta, «Ama-me esta noite»; o grande sucesso do querido par — Maurice Chevalier e Jeannet Mac Donald.

Ginásio — Um programa Paramount, «Mulheres Suspeitas».

Paris — O maior sucesso da época, «O meu campeão», com Jackie Cooper.

Europa — O grande êxito da gargalhada, «Anny no Music-Haal», com Anny Ondra.

DO PORTO

TEATROS

Sá da Bandeira — Estreia da engraçadíssima revista «Desculpa ó Caetano»; a melhor criação do actor-cómico, Vasco Sant'Ana.

Carlos Alberto — Continua em grande sucesso a revista, «Areias de Portugal».

CINEMAS

S. João — A espirituosa comédia em francês, «Minha mulher não quer filhos», com Marye Glory.

Trindade — Sempre os melhores filmes. Esta semana apresenta uma comédia de costumes modernos, «Cabeleireiro de Senhoras», com Fernand Gravey e Mona Goya.

Olimpia — A super-produção sobre espionagem, «Sob uma falsa Bandeira», com Charlotte Susa e Gustav Fröklick.

Batalha — O maior acontecimento cinematográfico da temporada, «Mata-Hari», com Greta Garbo e Ramon Navarro.

reporter

Propriedade de EDIÇÕES X LIMITADA

Director e Editor

REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade
Rua Sampaio Bruno, 12.5.º
PORTO

Comp. e Imp. na Tip. e Enc. Domingos de Oliveira, Campo Mártires da Pátria, 144 - A - Porto

3 meses — série de 12 números Esc. 11850
6 » — » » 25 » Esc. 22850
12 » — » » 52 » Esc. 44850

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADIANTADO

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E
: : : EXPANSÃO EM PORTUGAL : : :
GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS
: ACONTECIMENTOS NACIONAIS E ESTRANJEIROS

Sai às sextas-feiras e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

AMERICAN BOSCH RADIO



DISTRIBUIDORES NO DISTRITO DO PÓRTO

Cunhas & Almeidas, L.^{da}

Avenida dos Aliados, 71 — PÓRTO

BREVEAMENTE:

Memórias de um ex-morfinómano

Livro de sensacionais revelações

Pelo **REPORTER X**

Pedimos aos nossos leitores da província, para fazerem já os seus pedidos

De boas intenções . . .

É possível, leitor, que não conheças a individualidade de quem te quero falar — e é possível que a conheças... Tenho mesmo um pressentimento de que a conheças. Dir-mo-ás. Entretanto, ouve:

Há no Porto uma senhora que não tendo, positivamente, um nome simpático, o vem ligando, desde há muitos anos, a inúmeras iniciativas malogradas e a algumas cujo êxito tem sido pouco mais do que duvidoso.

Não conheço, pessoalmente, esta senhora. Duas ou três vezes a devo ter visto algures. Não posso mesmo garantir a pés juntos que ma não hajam apresentado.

O que posso jurar é que muitas vezes a minha *permanente* tem acendido em linhas de notícia breve, o fogo-fátuo de mais uma iniciativa desta senhora, que quer dizer: de mais uma iniciativa condenada ao olvido e à falência.

Não escrevi este *fundo*, — afirmo-to, leitor, de braço estendido em juramento, — para dizer bem ou para dizer mal dela. Mas, porque a conheço através de muitos dos seus passos, e porque o seu *caso* rompe as algemas de toda a vulgaridade, entendi que era chegado o momento oportuno, o momento que não creio ter sido ainda aproveitado por alguém, de chamar a atenção do público para um vulto de mulher extraordinária que muitos, de-certo quasi todos, taxam de ridícula, mas que a mim se afigura docemente, piedosamente, maníaca.

D. Maria Feio é uma senhora idosa. Já vestiu com grande distinção. Veste ainda bem. Sabe exprimir-se. Sabe, por vezes, fazer-se ouvir. E vestindo bem, falando bem, não lhe faltando aquilo a que o mundo chama a *boa apresentação*, esta mulher extraordinária tem feito abrir ante si o reposteiro de todas as esferas, tem logrado baixar-se, ante os seus passos que reconhecem o recceio, todas as pontes levadiças da sociedade.

¿Mas o que faz ela, em que se ocupa, porque lhe chamo «piedosamente maníaca»? — perguntam agora os senhores.

Desde que oiço falar dela — e há muitos anos que assim acontece — sei que todas as suas horas, úteis e inúteis, são gastas em imaginárias empresas, em desmedidos sonhos que pejam o seu cérebro exaltado.

Certa vez, casualmente, veio parar-me à banca de trabalho um opúsculo que trazia, ao alto duma portada vistosa, o nome desta senhora, a um tempo simples e eufónico. Já me tinham dito que espécie de sonho era aquele em que lhe esvoaçava o espirito. Já me tinham prevenido da sua obstinação, da sua audácia à prova de todas as desilusões, de todas as re-

cusas, de todas as portas fechadas, de todas as trancas postas.

Li, todavia, o folheto. Mais: li-o com ternura, com uma ternura emocionada que ponho sempre na contemplação dos sonhadores, ridículos ou impressionantes que eles sejam.

Tratava-se, recorde-o bem, duma exortação à amizade luso-brasileira que, em prosa farfalhada e verso açucarado até ao enjoo, lembrava a portugueses e brasileiros o caminho único a seguir: darem-se as mãos, ao som dos cânticos do amor e da fraternidade.

A ideia — não haverá uma única pessoa que o conteste — era e é dogmáticamente simpática. A forma, todavia, em que se patenteava, tocava, quanto a mim — e poucos serão também de opinião adversa — o zenit do ridículo. Tempos volvidos, D. Maria Feio que não lograra, com a *plquette* em questão, êxito de maior para a sua obsessão, vinha a público com nova modalidade da iniciativa a que metera ombros.

E, todos os jornais noticiaram, tendo, desta



N.º III — ANO III

Sexta-feira, 3 de Março de 1933

REDACTORES NO PORTO

Reinaldo Ferreira (Reporter X)

Fernando Cal

J. Vieira Alves

Hugo Rocha

Guido Severo

Santos Pereira

REDACTORES EM LISBOA

Alfredo Marques | Noberto Araujo

Artur Portela | Sá Pereira

Jaime Brazil | Santos Vieira

HOMENS

&

FACTOS DO DIA

vez, o cuidado de lhe ocultarem o nome, o aparecimento de postais alegóricos da façanha de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, reproduzindo um *bronze oferecido no Rio de Janeiro a Sacadura Cabral e que o heróico aviador cedeu a uma senhora que muito tem trabalhado pela Aliança Luso-Brasileira*. O produto da venda destes postais destinava-se — acrescentam os jornais — à *fuadanza de uma revista que, com o título de «Alma Luso-Brasileira», mantendo o fogo sagrado da fraternidade espiritual que o «Raia» Lisboa-Rio, de Gago Coutinho e Sacadura Cabral realizaram gloriosamente...*

Sei, por muito que isso pese ao meu patriotismo, que esta nova empresa — desta vez mais subtil, mais endossada aos outros — de D. Maria Feio, terá o destino de tantas outras. A Aliança Luso-Brasileira, a que a piedosa maníaca quer aliar a figura tutelar de Camões, não será mais forte à custa de bilhetes-postais ou de revistas misticamente, inofensivamente alegóricas. Não será com esmolas que essa aliança se vincará. O tempo, a diplomacia, o superior instinto dos dois povos encarregar-se-ão de estreitar nós, porventura lassos ou de os desfazer...

O gosto de D. Maria Feio, sem dúvida simpático pelo seu simbolismo, não terá — ai dela e ai de nós! — a repercussão que o poderia conduzir à vitória. Será mais uma vez a *vox clamantis in desertus...*

E eu quero dizer aqui que tenho pena,

sinceríssima pena, desta iluminada interior que não vê ou teima em não ver o reflexo grotesco da sua própria teimosia. Tudo esta mulher generosa, insensatamente generosa, que dispõe de uma inteligência razoável, que maneja, sobretudo, uma audácia e uma tenacidade invulgares, tem brocado para atingir a porção nuclear do seu sonho. Nada a atoriza ou faz arrefecer ou faz desanimar. Eu sei que tem visto acoiarem-na, redonda, em pleno rosto, de meatecapta, de megalômana, de doente incurável. Sei que tem, em troca da dádiva generosa das suas iniciativas, recebido o riso alvar dos que a não compreendem, dos que mofam, impiedosamente, do seu sonho...

Impávida, despresando, com uma fleugma britânica, todos os ridículos em que as suas empresas a envolvem, D. Maria Feio segue a rota do seu destino. É possível que ignore que os seus postais em prol da Aliança Luso-Brasileira, que vai vender, teimosamente, como um *globe-trotter* pedinchão, que os seus folhetos, as suas *plquettes*, os seus artigos lamechas e os seus versos enossos, as suas iniciativas de humanitarismo infantil, se reduzirão a poeira, a desoladora poeira das coisas que tiveram vida e morte inglórias. Tenho mesmo a certeza de que ignora. Isto não significa, porém, que, sabendo que nada acontecerá do que espera, do que sonha, ela desista ou fraqueje.

Não, D. Maria Feio não desiste nunca. E é por isto e só por isto que eu trouxe para o *Reporter X* o seu *caso*, o *caso* duma mulher que não teme o ridículo, que não teme o insucesso, que se embiocou um dia na capa das suas loucas iniciativas e só a largará quando lha substituírem pela mortalha final...

HUGO ROCHA

NO dia em que escrevo esta crítica — António Ferro, é, de facto, o «homem do dia»! Há muitos anos que António Ferro é, quasi todos os dias, o «homem do dia» — ou, pelo menos, um «homem do dia»... Razão suficiente para eu o focar, mais uma vez — porque... «je m'en connais»; porque, há muitos anos também, me especializei nesse género de «homens». (*homi soit qui mal y pense...*) — «homens» que raramente merecem a carícia desses holofotes da popularidade. Mas António Ferro, agora mais do que nunca, conquistou, de direito, os «placards» luminosos onde o interesse do público o entronisou... E digo mais do que nunca, porque sou jornalista e sei, por esfaldada experiência, o que significa, no nosso diarismo monótono, sonolento, sem novidades, sem acção, criar uma reportagem marcante, galvanizar o cadaver da emoção popular, deixar de ser um dos muitos caluniados das polémicas do café, para ser o caluniado exclusivo do dia... O reporter de hoje, o reporter deste ano (os séculos já não contam, nas subdivisões de categoria) difere tanto do reporter de quando eu comecei, como o avião se distancia do caminho de ferro... É mais exigente a sua missão actual — duma exigência que obriga a seleccionarem-se apenas os «virtuosos», reduzindo os «autenticos» a um elenco pouco numeroso... As dificuldades que já existiam agregaram-se as de uma «responsabilidade histórica» que pesa, na consciência do jornalista, como uma ameaça... Outrora — antes da guerra (e mesmo antes de 1932) — o reporter afofava os seus apuros técnicos, a vertigem do trabalho — com a noção de que a sua obra era efémera, que durava apenas vinte e quatro horas, que, na melhor das hipóteses, era um apontamento para a obra definitiva. Hoje, não! A mesma vertigem, as mesmas exigências de brilho e de vibração, e, além disso, o dever iniludível de *produzir definitivamente*, de produzir para o futuro... António Ferro, faça-se-lhe justiça à sua inteligência e à sua sensibilidade profissional, não ignorava essa sisma do jornalismo moderno; mas, como experimentá-la no nosso meio?

Desde a vitória da revolução de 28 de Maio de 1926 — até hoje — um homem soube desempenhar-se da massa dictatorial, permanecer sob a atenção e a controvérsia de todo o país como se tivesse sido o *moteur-en-scène* de todos os acontecimentos — a começar pela própria revolta (em que não interveio): o sr. dr. Salazar! Não o discuto — registo um facto. E era precisamente, de todas as figuras da actualidade, a mais esquiua, a mais ignorada. Era, por consequente, a única figura capaz de oferecer a António Ferro a plasticidade suficiente para a experiência de uma grande reportagem moderna, de novo estilo.

António Ferro fez a experiência, fez a reportagem — primeiro no «Diário de Notícias», depois em livro, um livro que alcançou um triunfo inédito no nosso meio, um livro que o colocou, mais uma vez, sob a ribalta rutilante dos «homens do dia»... Se outros méritos não exhibisse — e exhibe — este era já por si — o suficiente para o dignificar...

E antes de falar do livro — falemos do autor. Discutido, odiado, invejado ou admirado — existe em António Ferro, ou melhor, na sua carreira, entre outros valores e virtudes, o da sua teima, o da sua audácia — o do seu *trabalho*. Pode-se aplaudir ou patear a obra; mas não se lhe pode negar que é a obra dum trabalhador, dum lutador, dum lutador inteligente. E mais: ele não se resigna aos atalhos, faceis e e curtos, da apoteose; procura sempre os mais longos e íngremes — o que significa coragem; não se adapta aos rodriguiños de efeito seguro: arrisca-se sempre ao que julga inédito, ao que não está registado, ao que não está consagrado e por isso mesmo aventureiro ante a hostilidade do vulgo...



António Ferro, a sua entrevista e o seu entrevistado — Rápidos comentários sobre o jornalista e sobre o seu

: : : : livro : : : :

Muita gente não conhece António Ferro, porque lhe faltou um António Ferro para o radiografar — e julgo que a sua vitória absoluta, os louros que conquistou, os rancores e os despeitos que o anavalham, as dúvidas que desperta, a obra realizou já — com pouco mais de trinta anos — foi milagre espontâneo de algum santo protetor, que lhe caiu do céu; que... que «nasceu com sorte» — esta «sorte» com que os apáticos explicam todas as falidades consequentes da sua apatia e negam a legitimidade dos triunfos dos que os ganham na batalha. Ora nada mais injusto do que essa impressão sobre António Ferro.

Eu pertencço à geração de António Ferro; à geração a que a imprensa portuguesa deve jornalistas como Norberto de Araújo e o pobre Afonso de Bragança, antena humana, claro máximo de espírito, de inteligência, de originalidade — morto em plena juventude e ao amanhecer da Glória... Se António Ferro venceu — deve-o apenas à sua tenacidade, à sua teima máscula, ao seu valor pessoal — e não qualquer vigéssimo premiado do seu destino; conseguiu vencer como conseguiu entrevistar o dr. Salazar...

Muito novo ainda — excitava-o já as novas fórmulas, as novas escolas, embora então, pior do que agora, contra elas reagissem todos os mandraças do pensamento e da arte... Com que alvoroço se conjurou com conspiradores maquívóricos do *Orfeu* — do *Orfeu* de Mário Sá Carneiro, de Almada Negreiros e de outros... Com que estoicismo, num cinema de Lisboa, cinema plebeu e ante um público hostil a tudo que não fosse Bertini, Manicheli e Boreli em celuloide — ele realizou uma conferência de *avant-garde* «As trágicas do Silêncio» — sobre Boreli, Manicheli e Bertini. Depois foi a «Leviana», foi a primeira viagem ao Brasil — a instrução primária de tantas outras viagens, as conferências do Rio e de S. Paulo, o «Mar Alto» no mar alto dos tabladros civilizados, o

regresso, as primeiras entrevistas internacionais com Danunzio, em Fiume, com Mussolini, em Roma — e por fim a sua entrada para o «Diário de Notícias», o «mar alto» da sua obra jornalística, o seu «caminho marítimo para as Índias do grande jornalismo moderno de que o livro «Salazar» é, sem dúvida, como realidade profissional (só a essa me refiro agora) um Cabo Tenebroso que António Ferro dobrou...

«Salazar», ante a crítica honrana, subdividi-se em três aspectos: o *técnico* (jornalístico-literário) que é como quem diz o de António Ferro; o *político*, que interessa a todos; e o do *entrevistado*, que pertence ao dr. Salazar. Não é possível, porém, por todos os motivos, manter essas fronteiras, ao aplicar os reagentes para uma análise de pura química... Vejamos apenas o resultado da análise em conjunto...

É indiscutível o valor jornalístico da obra, quer como objectivo, que acertou em cheio (o objectivo material, o do êxito, em jornalismo como em teatro, é sempre uma razão a apreciar e nunca a desprezar, para o crítico) quer como cumprimento de missão! António Ferro pode talvez suplantá-lo em brilho de forma, confrontando-o com outros trabalhos seus, anteriores; mas ganha em *informação*, em *revelação*, em movimento e agudeza — e uma reportagem, antes de mais nada, categorisa-se pelo interesse, ineditismo e reflexo social da sua face informativa. Respondeu, um dia, Benavente, a quem lhe perguntava o que era preciso para fazer uma peça de teatro «todo lo que usted quiera — pero que pase algo!»... Em reportagem, mais do que em teatro, é preciso que «pase algo!» E na reportagem de António Ferro «pasa algo!» E «algo» muito vivo, rápido, imprevisto...

... Ainda sobre o aspecto técnico: seria demasiado ortodoxo citar Ludwig e a sua célebríssima entrevista com Mussolini, que durou treze dias, que foi uma *discussão* pegada, entre o entrevistado e o entrevistador, mas que foi também — e sobretudo — uma espionagem subtil, mas constante, ao que o Duce não dizia, ao que ele não queria que soubessem, ao que Ludwig surpreendeu, espionou, dos cantos escuros do Palácio ou dos bastidores da vida, invisível para todos, do ditador italiano... Contudo os insaciáveis lamentam que António Ferro tenha preferido as palavras, as frases do entrevistado (que era, logicamente, o tesouro sem preço para o seu objectivo de reporter) e não os seus silêncios — todos os seus silêncios — as suas intimidades de alma, de vida, do «invisível», do «secreto» da vida e do homem! Mas ortodoxo seria ainda, se lhe exigissemos uma obediência servil aos processos de Ludwig que, se não é o criador dessa fórmula de reportagem — é, pelo menos, quem lhe deu maior fama.

Ludwig, comunista, individualista, um adversário, portanto, do Duce, realizou a sua reportagem como, sendo cirurgião, e da mesma forma crente do comunismo, operasse Mussolini duma apendicite! Imparcial, sincero, gélido na frieza, ardente ao calor das impressões dignas de chama — ninguém suspeitou da sua opinião, ao lisongiar ou atacar o entrevistado... António Ferro não tem os compromissos políticos de Ludwig; e, a pesar-de o apontarem como um revolucionário oriental nas letras, mas simpatisando com os revolucionários das direitas em sociologia, ele não representava ante o dr. Salazar nem um adepto nem um adversário... Foi, portanto, apenas reporter. Ora, precisamente por isso é que a opinião pública pode encontrar na sua reportagem uma insistente aprovação, em voz alta ou em sordina, a quasi todas as ideias, a quasi todas as afirmações do entrevistado. Já se vê que António Ferro pode também explicar-se só com uma frase: «Fui sincero e não saí da neutralidade

UM GRITO DE ALARME

A TRAGÉDIA DOS PEQUENOS MÁRTIRES

É preciso acabar com a escravatura infantil.
Episódios angustiosos



A carta dizia assim...

«V. que está sempre disposto a defender os fracos, os pobres e os desditosos contra os fortes e os tiranos — podia focar a tragédia das crianças que mourejam como pessoas crescidas, obrigadas a esforços mui superiores à sua capacidade, sujeitas ainda ao despotismo cruel dos patrões que abusam do seu mando na certeza de que elas não reagem nem temem quem as vingue».

Há muito, de facto, que eu assisto ao calvário d'esses pequenos mártires, fremitando de revolta e ansioso de uma oportunidade para apontá-los à piedade das almas puras e à atenção das autoridades. Se todos os fracos e desditosos, como afirma aquele anónimo correspondente, merecem a defesa da minha pena — outros mais fracos e infelizes não existem neste mundo de Cristo...

Ainda há bem poucos dias o Destino me conduziu à beira do leito de um doente, que é um símbolo afitivo desse calvário injusto...

«Tenho apenas trinta anos — mas a vida pesa-me como se estivesse em plena decrepitude... Sou um pobre enfezado, enfermiço, dorido de achaques. E, contudo, na meninice era rijo e exuberante de Saúde. Queimaram-me — sacrificaram-me ao egoísmo dos seus interesses — indiferentes ante o meu sofrimento de criança e as consequências irremediáveis que deviam amargar-me a existência inteira... A necessidade obrigou a minha família a empregar-me na casa Ó... (e citou uma firma das mais acreditadas) — não tinha eu ainda doze anos. O que os patrões — e sobretudo os empregados mais velhos — exigiam dos meus pobres músculos, era mais do que um abuso cruel — era um crime, um crime que se repetia todos os dias, a todas as horas! Recordo-me que uma manhã, um dos meus tiranos chamou-me para ordenar: «—E preciso ir já à estação levar esta caixa». Era um volume enorme — dúzia ou dúzia e meia de garrafas de champagne... Em vão tentei erguê-lo... Parecia cravado ao soalho... «—Mas eu não posso com isto» — confessei, humildemente». A resposta foi um movimento de pé, um esboço de *shoot* como ameaça — caso eu insistisse na minha declaração de impotência... «Qual não podes! Tens de poder!» E ajudado por outro, levantou o caixote e colocou-o sobre a minha pobre cabeça... No primeiro momento julguei que ia ser prensado — entre o peso brutal do volume e o chão... Sofri vertigens... Não culpa o senhor que suplicio o meu — querendo manter-me de pé e manter o caixote — e sentir o terreno a faltar-me, o corpo a

desequilibrar-se, a cabeça como que a afundar-se, a espinha dorsal a ceder... E lá fui, rua fora, as lágrimas a correr-me pelas faces, a encostar-me às paredes, cheio de terror ante a ideia de cair, de derrubar a caixa, de partir as garrafas, de ser castigado, primeiro — e despedido depois...

E levava ainda nos ouvidos a última frase do patrão: «*Isso* deve lá estar em dez minutos — porque se perderes o comboio, já sabes o que te faço!» Ainda por cima — queria, a exigência de correr, de chegar a tempo... A distância entre a loja e a estação era talvez de um quilómetro — ou mais! Julgava que não a cobriria nunca! Tive a sensação que andei horas — que o meu martírio não tinha fim! Ao chegar não encontrei uma alma caridosa que me auxiliasse a descer a caixa... Nova angústia! Para a pousar sobre o balcão necessitava ajoelhar-me; mas se me ajoelhasse — perdia, pela certa, o equilíbrio. Que fazer? Tentar o impossível! Tentei-o! A caixa foi resvalando e ao chocar-se com o balcão telintou, lá dentro, o estilhaçar de vidros... Quebrára duas garrafas de champagne... Pois bem: sabe qual o prémio do meu esforço sobrehumano (esforço sobrehumano... aos doze anos!)? Uma sova à chegada e seis meses de trabalho sem ordenado — porque este, era para indemnizar os patrões do prejuízo que eu lhes causara!

... Por essa e muitas — muitas! — é que eu fiquei para sempre enfesado, doente, arruinado, envelhecendo na idade em que os outros homens, atingem a plenitude da sua força e das suas faculdades!»

Em 1930 tive, em Lisboa, na estreiteza de uma visinhança de casa com casa, um outro espectáculo doloríssimo... Era uma família composta dum casal e de três filhos — um na adolescência os outros miúdos ainda. Servia-os uma criada minatural... Não devia ir além de dez anos! A pobre criança era uma moura de trabalho — sob a responsabilidade de toda a lida caseira, desde o esfregar do solo até ao engomar da roupa, passando pela alquimia dos guisos e aos cuidados de ninheira dos meninos... Quantas manhãs, quando o sol era ainda uma vaga esperança de calor e de luz no clarear do céu e eu regressava a casa após uma noite de boémia jornalística — a via, enregelada, as mãos rixas, os olhos espantados pela tortura do sono, já a pé, em plena faina, vassourando a escada, enquanto os seus donos — donos, porque ela era uma escrava (estamos no século XX, pois não estamos?) — roncavam, no «banho-maria» dos lençóis, no fofidar dos colchões, donde só saíam quando fôsse dia — quando o sol lhes oferecesse um conforto igual ao do leito...

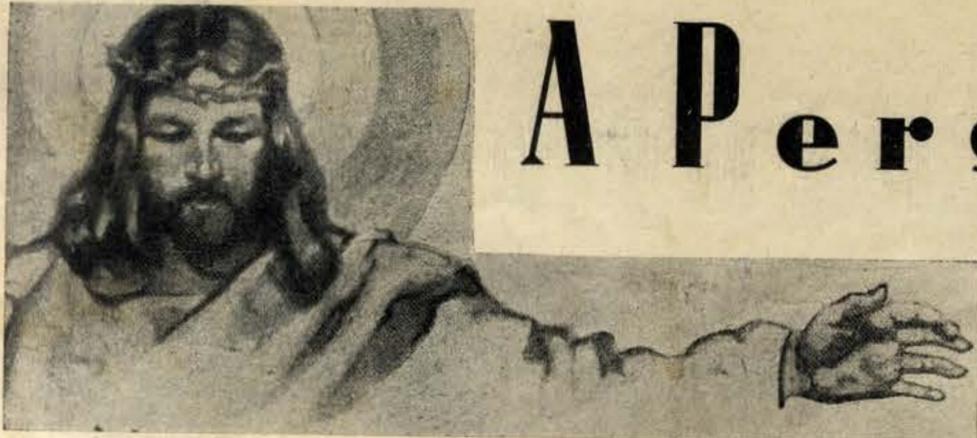
Mas, não era só esse esforço físico, esse esfalfamento constante — assassinando a vida de uma criança. Era a inquisição moral com que, paralelamente, faziam o auto-de-fé daquele

pobre coração de boneca! A menor deficiência, ao menor enfraquecimento — vinha o castigo, a brutalidade, o *bofetão*, a *sova*! E era o único serviço caseiro em que todos colaboravam: o marido a mulher, o filho mais velho... Este, um colegial sorna e mal educado, na idade dos primeiros vícios — o do cigarro, o do copito surripado às escondidas, o das primeiras tentativas do amor — tímidas e por isso mesmo cruéis, porque não tem ainda o controle da dignidade nem do coração de um homem equilibrado e sofrem de todos os egoísmos inconscientes das crianças — persegue-a, tortura-a, exige-lhe algo que ela ainda não sabia o que era, mas que ao seu ins into animal repugnava e que à sua experiência precezo da injustiça prevenia como um mal irremediável... E era este, o *menino mais velho*, o mais pronto nas denúncias e nos castigos — como represália covarde...

Existem leis de protecção aos menores que trabalham. Mas, o egoísmo das que exploram esse trabalho, sabe burlá-las e despistar todas as explicações — desde que não se organize uma vigilância policial, especial, exclusiva... E a melhor prova do que afirmo é o desfile

— Conclui na página número 15 —





A Perspectiva do Futuro

Uma civilização que acaba como tôdas as outras. Repete-se a história. O engenho humano no serviço da destruição do Mundo

HÁ mais de cinco mil anos, para além do Reino de Nizan, nas margens do Ganges, erguia-se uma civilização próspera e rica, tão famosa e brilhante, que, muitas dezenas de séculos depois, ainda os seus resíduos encantaram os olhos sismadores do nosso Gama. Os *hindus* conheceram muito antes da Grécia as belezas da arte dramática. Tendo como cenário longínquo as faldas do Hemalaia, em teatros de céu aberto, exibiram-se em Allahabaud, Benares e Patna, tragédias e dramas musicados, cujas representações demoraram dois e três meses. As indústrias de tecelagem e tinturaria atingiram tão alto grau de desenvolvimento, que ainda hoje não excedemos esses velhos artifices, na bizarria policroma das suas telas. A vida decorria tranqüila e bela, como convinha a pessoas criadas numa atmosfera perfumada pelas emanações subtis do sândalo e da mirra.

Depois, os homens talvez cansados de tanta felicidade, começaram a degladiar-se entre si, dividindo-se em seitas heterogêneas, e a guerra destruidora e brutal, pôs termo a uma civilização magnífica, que muito antes de surgir no Egito um novo conjunto civilizado, tinha entrado em franco declínio.

É curiosa embora de fácil explicação, a coincidência de tôdas as manifestações de maior progresso se iniciarem junto aos grandes cursos de água, onde a natureza mais impressiona, pujante de vida, convidando à alegria de viver.

Mais tarde, nas margens ubérrimas do Nilo — o rio sagrado — levantou-se uma nova civilização, célebre pela sua organização administrativa e desenvolvimento de certas ciências, estudadas só pelos iniciados da região do Estado. São prova flagrante do seu progresso no ramo da construção e arquitectura as pirâmides erectas no deserto da Líbia, que têm resistido indiferentes a todos os cataclismos, como uma obra

que ainda hoje não se conhecem e são usados pelos egípcios, na

conservação dos seus cadáveres, incorruptos milhares de anos, a-pesar-do avanço da química e doutras ciências subsidiárias. Fala-se, ainda hoje, com respeito, na civilização egípcia; procura-se decifrar os seus heróglifos, caracteres gravados na pedra que eram o seu alfabeto, e constata-se também o desaparecimento dessa velha civilização, cuja história se perde na noite dos séculos, obscura e indecifrável.

Da Grécia, sabemos um pouco mais. Saboreamos ainda hoje, com prazer espiritual, os seus poemas heróicos e os seus livros de filosofia. A República de Platão tem ainda adeptos que são considerados extremistas perigosos, tão distantes estamos de atingir o grau de cultura helénica.

Ficaram célebres além dos poetas e filósofos gregos, os seus escultores, os seus pintores e os seus oradores. Tôdas as artes os imitam e nenhuns os igualam. Nas Escolas superiores de todo o Mundo, os alunos debaixo dos olhares dos mestres, debruçam-se sob *in-fólios* gigantescos que encerram maravilhas, estudando a riqueza do léxico ateniense que Sócrates e Demóstenes usaram.

Até nós chegou o eco das festas da Arcádia, suntuosas, cuja riqueza invejamos, desejando recuar muitos séculos para vivermos à maneira dos habitantes de Patras, envolvidos em magestosas túnicas a-pesar-da sua simplicidade.

E mais uma vez, saturados da felicidade, os homens abandonaram-se, descendo à prática de actos ignóbeis que enchessem a sua vida, deixando-se cair na lama viscosa e putrefacta de todos os vícios degradantes, até que mais para o ocidente, também nas margens dum rio, embora menos importante, surgiram novos conquistadores que empolgaram a

civilização de *Helade*, adaptando-a aos seus costumes, aproveitando dela tudo quanto a sua rudeza bárbara podia assimilar.

Sobre os escombros ainda fumegantes de Atenas, que a guerra da Tessália tinha arrazado, caíram os bandos esfaimados de Roma, brutais e triunfantes.

A humanidade entrou num novo ciclo histórico, lentamente progressivo, cuja influência ainda hoje sentimos na nossa legislação e costumes.

Como as anteriores, a civilização romana cresceu, desenvolveu-se e morreu, num mar impuro de torpezas, de prazeres sádicos, bestiais, onde não existiam leis morais nem de sangue, para só imperar o livre arbitrio dum despota ou dum triunvirato.

Contra a imoralidade de Roma, levantou-se no oriente, ainda mais uma vez nas margens dum rio, o protesto dum homem bom, cujas doutrinas estavam condenadas à maior deturpação de todos os tempos.

A onda cresceu, o número dos protestantes contra o barbarismo da Umbria aumentou, aos doze pescadores da Palestina juntaram-se homens de tôdas as artes e ofícios, iletrados e letrados, formando uma enorme legião pacífica que breve irradiou pelas costas do Mediterrâneo, levando a palavra do Mestre a toda a parte, como uma esperança, como uma aleluia.

Centuriões e senadores, escravos e libertos, foram empolgados pela palavra



de Paulo, formando em curto prazo uma maioria inquietante para a segurança do Governo. Constantino, imperador de Roma, inteligente, converteu-se à nova religião, facto que como não podia deixar de ser importara o seu reconhecimento pelo Estado e a sua oficialização.

Sob a acção dos cristãos a sociedade modificou-se, moralizou-se, raiando no horizonte uma nova era, uma nova civilização, que é aquela que ainda hoje preside aos destinos do Mundo.

A civilização cristã ou contemporânea, desenvolveu-se. Os primeiros discípulos de Cristo foram substituídos por outros. Senhores do mando, quiseram imperar sôzinhos. A religião perdeu grande parte da sua beleza primitiva, substituindo a prática dos actos de culto, humildes, pelas funções em público.

Ai daqueles que não aderiam à nova doutrina! Assistimos então ao recuo de tôdas as ciências. As estradas que atravessavam a Europa, construídas pelos romanos, desapareceram sob uma vegetação bravia. A uma vida exterior que tinha degenerado em crápula, sucedeu a vida contemplativa dos castelos feudais e dos mosteiros. A guerra de conquista, sucedeu a guerra de príncipes e de religião.

Consolidada a nova religião monoteísta; fragmentada a Europa em pequenos Estados inimigos, surgiu a luta de competição, desenvolveu-se a agricultura, creou-se a indústria e o comércio. As galeras a remos que os escravos em gestos ritmados impulsionavam, sucedeu a navegação à vela.

Ao norte, onde não tinha chegado a Inquisição aniquiladora, discutiam-se problemas transcendentais, enquanto deste extremo da Península Ibérica e da Holanda, saíam as caravelas que circundavam a orbe.

Quando tudo indicava que os homens iam finalmente ser felizes, amando-se como irmãos; quando todos os dias novas descobertas, alvorçavam o Mundo; quando a ciência rasgava os véus espessos do futuro, surge a Grande Guerra, com a sua companhia de horrores, pro-

vocando o desequilíbrio moral e material duma civilização com cerca de dois mil anos de existência.

Tôdas as descobertas da mecânica, da física e da química, foram postas ao serviço do mal. Os campos da Europa, da Ásia e da África, encharcaram-se com o sangue ainda quente de milhões de seres humanos.

Terminada oficialmente a guerra, ela jamais deixou de facto, de existir, espalhando-se até às duas partes do Globo, ainda indemnes. A perfeição na arte



de matar é cada vez maior. Parece que os homens, esquecidos totalmente da máxima de Cristo, se odeiam olhando-se rancorosos.

São no Extremo Oriente, povos de outras raças e cor, batendo-se sem saberem bem porquê. É na América Central, sob um Céu indigo — na Nicarágua, Guatemala e Colombia. É no Sul da América, a Bolívia, o Paraguai, o Chile e o Perú, e por toda a terra assim.

Por outro lado, tal qual sucedeu em civilizações de antanho, especialmente na Grécia e Roma, campeia o vício em tôdas as suas mais mórbidas manifestações, fazendo apodrecer as almas e os corpos.

O amor é uma mentira. Os pais renegam os filhos que são um fardo pesado. A degenerescência vai no seu auge, anquilosando o físico dos homens.

Couraçados gigantescos com mil bocas de fogo, ameaçam reduzir a cisco a pobre humanidade. No espaço já é tão difícil andar como na terra, tantas

são as aves artificiais que cruzam os ares, chocando-se, tornando necessária dentro em breve, a criação duma polícia de trânsito especial. Tôdas essas aeronaves que hoje pacificamente transportam correio, bagagens e passageiros, dum continente para o outro, podem amanhã ser outros tantos fulcros de destruição.

O automóvel — quem o diria — inventado para nossa comodidade, meio de transporte elegante, aparece-nos nas paradas militares transformado em bizarras esquisitas, assemelhando-se a uma grande tartaruga, cujos dois olhos são duas peças de artilharia.

Acreditar que todo este material da morte, há-de ficar eternamente parado, sem cumprir a sua missão, é impossível.

A história voltará a repetir-se. Esta como tôdas as civilizações, principiou, atingiu o seu apogeu e transformar-se-á.

O sangue há de voltar a correr em caudal pelos campos revoltos. A loucura colectiva virá, arrastando-nos para todos os prazeres, os mais baixos, num atordoamento colossal, enquanto não nos chegou a vez também, de intervir na história.

O movimento de reacção desenha-se já mesmo antes desta civilização tocar o seu termo, mas os fados hão-de cumprir-se. Antes que chegue um novo Rabi, pregando a nova verdade, o Mundo moral há de afundar-se cada vez mais.

E outra civilização se seguirá a outra civilização, através dos séculos, até que o nosso sistema planetário perca as leis de equilíbrio que o regem, atirando-nos para o lado infinito, inverosímil, donde não mais sairemos.

Eis a perspectiva do futuro. ¿Para quê, pois, tanta luta, tanta desigualdade, tanto crime?

J. VIEIRA ALVES

PADARIA MINERVA

JOSÉ COELHO DA SILVA

O mais saboroso pão — Fabrico mecânico

Rua da Moeda, 76 — COIMBRA

AINDA AS GUERRAS

Estatísticas impressionantes — Quantas vidas custaram as guerras do século XIX, a de 1914 e a do futuro — Das campanhas napoleônicas ao «Petrolero» de Cuba; 16 milhões de mortes em cem anos; 12 milhões de mortes em quatro anos.

OS numerosos livros publicados sobre a guerra, todos eles lidos por milhões e milhões de pessoas, não conseguiram na sua campanha de anti-guerra, desarmar o instinto bélico do «homem», que, com ou sem razão, foi apelidado de «rei dos animais», superior em brutalidade às feras mais perigosas, pela sua inteligência que lhe deu uma técnica de saber matar, e que devia cognominá-lo de «rei das feras»... Evoquemos exemplos como «Al'ouest rien de nouveau», «Guerra» e por último «Appés», todos de autores alemães... O seu esforço e generosidade, ainda não deram os frutos apetecidos...

São eles dum significado eloquente. Os seus autores conseguiram trazer à luz da publicidade com realismo forte e próprio de quem sentiu os infernos que pintam ao público. E que...

Não conseguem nem conseguirão nunca, por mais violentas campanhas que empreendam, por mais gravuras que apresentem sobre os horrores da guerra, mostrar suficientemente aos povos de todo o mundo, a inutilidade de se fazerem guerras — e entretanto, — em todas as religiões professadas pela humanidade, existe um mandamento divino — «Não matarás».

Os soldados de todos esses países, ajoelhados, antes de principiarem as batalhas, pedem a Deus, que os abençoe e lhes dê a vitória e a vida... e, entretanto, vão matar. — Matar ou morrer, mas preferem matar. E mais glorioso, é ser-se herói; e é também mais humano — dentro do egoísmo humano!

E se os feitos atingem, traficadamente, um renome notável — após a batalha erguem-lhe uma estátua, para eternidade da sua glória, para que as gerações futuras o admirem — e lhe sigam o exemplo. E as multidões que o contemplam em místico extasi — esquecem as vidas que essa glória custou, vidas dos inimigos (inimigos desconhecidos, inimigos tão vítimas da guerra como aqueles que caíram junto ao herói, irmãos do herói, menos felizes ou menos ferozes do que ele!)

Um episódio que nos contaram em Espanha.

A guerra de Cuba, como toda a gente sabe, não deu heróis aos castelhanos, e no entanto e para a justificar os incessantes pedidos de «balas e petróleo» que o general Weyler, comandante das forças espanholas nessa campanha, fazia para Espanha, foi preciso arranjar um herói, em quem os espanhóis pudessem consolar-se das derrotas sofridas, embriagando-se com a valentia desse bravo.



...E os campos outrora férteis e floridos, tornaram-se imensas steps de cruzes...

Foi difícil encontrar alguém no exército derrotado, que tivesse, um feito que se revelasse para além da vulgaridade.

Weyler indica então um dos seus soldados, notável pelo ímpeto guerreiro, indiferente para com a morte e cujos feitos mais distintos eram os incêndios de aldeias inteiras, de Cubanos amigos e inimigos causando centenas de mortes de inocentes — velhos, mulheres, crianças, regadas a petróleo...

Foi esse homem pescado pelo saudável general... e, entrou em Espanha com todas as pompas de herói eleito pela Pátria. Após grandes festas, saiu em mandado régio ordem para ser erigida uma estátua na Praça del Rasto, de Madrid e foi, e ainda hoje lá se encontra a célebre estátua de «El Petrolero».

Quanto ao herói, que tão mimado, fes-

tejado, idolatrado fora pelos seus compatriotas reconhecidos e orgulhosos do seu heroísmo — se não tivesse a sorte, mezes depois, de morrer num leito do hospital, com o tifo — teria acabado na fôrça. Julgando-se com direito a todas as impunidades, habituado a receber prémios e aplausos quando os seus maus instintos (e não o seu patriotismo) se executam nas batalhas. — *petroleros* — os seus crimes em Espanha, como herói, multiplicavam-se com tal frequência e crueldade — que a polícia tinha já ordem de lhe deitar mão e os juizes haviam expressado a sentença, que devia levá-lo ao patíbulo.

Basta de prólogo... É preferível que os números sejam assoprados como trompetas... As estatísticas que vamos revelar referentes às guerras do passado dão-nos uma aproximada visão do que devem ser as guerras do futuro. Quantas vidas custou o imperialismo de Napoleão? O grande exército, só nos seis meses da campanha sobre as neves russas — reduziu a 33.000 mil homens o seu efectivo de 700.000 — que tantos eram os que foram levados para essa conquista fracassada.

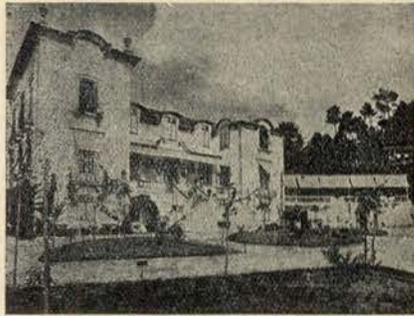
Estão avaliadas em oito milhões de vítimas, os 16 anos de vitórias de Napoleão!

Podem-se distribuir assim, as vítimas das guerras do século passado: 800.000 mortos na campanha da Crimeia; 300.000 na guerra de Itália; 300.000 no duelo com a Prússia e Áustria; 500.000, durante a guerra da Sucessão; 800.000, durante a campanha em França, de 1810; 400.000, na guerra turco-russa; 500.000, nas lutas civis da América do Sul e durante o mesmo século, perderam-se 3 milhões de vidas europeias, nas guerras das conquistas da África e Índias. Feita a soma destes morticínios, nós vamos encontrar durante o «século do progresso», como chamam ao século XIX, um total de 15 milhões de vítimas, mais de quatrocentas mortes por dia.

(Conclue na página n.º 15).

VARANDA da SAUDE

De Paredes para lá, a estrada torna-se dum caprichosa sinuosidade. deliciando-nos o espírito com as suas paisagens



de melancólicos coloridos, na manhã brumosa e gélida. São 5 quilómetros que se desbobinam céleres, sob o rodado dum poderoso «Fiat» 514, cujo tirotear, vai repercutir, nas quebradas dos montes, perturbando o silêncio sepulcral, em que a natureza se embala.

Varanda da Saúde!

Afável, hospitaleiro, um sorriso alegre a encrespar-lhe os lábios, o sr. Joaquim Pacheco, o gentilíssimo «Pai Pacheco», como lhe chamam os internados, surge no alto das escadas, em espiral, fazendo-nos uma daquelas acolhedoras recepções, que o caracterizam, tornando-o inconfundível

Então a visita começa, — iniciamo pela jardim, quedando-nos a cada passo na contemplação das belezas panorâmicas que dali se disfrutam, es-

praiando a vista por penhascos e valados, até lá longe, às cristas alvas do Marão, quási confundidas no horizonte pardacendo. Porém, o tempo decorre veloz, torna-se necessário prosseguir, abreviar tanto quanto possível, se quisermos ver tudo, tudo analisar, como é nosso desejo.

Ciceroneados pelo «Pai Pacheco» — que nos perdoe a familiaridade — ouvindo a sua dissertação acalorada, sôbre as ótimas qualidades fortificantes, do ar que respiramos, subimos até ao edificio, de linhas harmoniosas e alegres, cheio de luz e frescura.

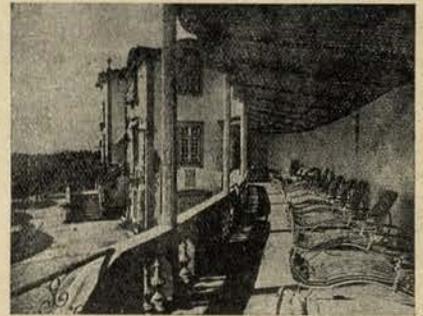
Uma temperatura morna, aconchegadora, nos acaricia, sorrisos alegres saudáveis, nos recebem; físicos robustos, transpirantes dum energia, que nos deixa maravilhados, veem ao nosso encontro.

Do hall, amplo, em que a luz entra a jôrros, passamos à sala de estar, apetre-



chada com todos os requisitos que o espirito mais exigente e necessitado de distracções, pode desejar: piano, rádio,

bilhar, jogos de vasa, etc., etc. Depois a sala de jantar, elegante no seu estilo holandês, muito aconchegada, com um



aspecto familiar que nos sensibiliza. Tudo ali está em ordem, tudo cuidadosamente previsto e disposto, com um método que nos orgulha, por ser uma estância bem portuguesa. A cozinha, os quartos, tudo enfim, até ao mais insignificante dos recantos, foi submetido à nossa apreciação, exposto à nossa curiosidade, com aquela tranqüilidade dos espiritos são que tem a consciência do dever cumprido, tornando se portanto, inatingíveis, antes pelo contrário, dignos dos maiores elogios.

Ao sr. Joaquim Pacheco apresentamos as mais sinceras felicitações, pela modular estância que possui, agradecendo ao mesmo tempo, as gentilezas de que nos acumulou.

A ti, leitor, aconselhamos te a não procurar outras paragens, quando exausto de energias, ansiares por uns dias de repouso — bem aproveitados.

Preços com grande PREJUÍZO por dissolução judicial
LIQUIDAÇÃO FORÇADA
SOBRETUDOS | GABARDINES

Feitos. Milhares em tôdas
 as qualidades e medidas

Impermeáveis. Milhares e milhares.
 O maior de todos os sortidos

NÃO CONFUNDIR:

LEÃO DA MODA (Mesmo em frente do
 Mercado do Bolhão)

373 — Rua Sá da Bandeira — 373 — PORTO

A questão dos Vinhos do Pôrto

(CONTINUAÇÃO)

oposição do comércio, transformar-se numa fatalidade irremediável — a maior de todos — para o Douro?

O que é ineludível — e entre todas as atitudes honestas — é que o Comércio e a Lavoura, embora continuem unidos, precisam modificar os costumes, reclamando *direitos* mas, sobretudo, distribuindo equitativamente deveres, que a uma e outra parte compete.

Notas várias: Rússia-Noruega

Discos que sensibilizamos, ao acaso das conversas, após a célebre assembleia...

«— Suprema façanha que brada aos céus! — exclama um desconhecido. Qual será a razão porque os negociantes querem monopolizar comprando os contingentes que lhes faltam segundo a exportação que fizeram e segundo dita a lei, adquirindo os vinhos entre si — para deixarem, pela força dum decreto, de comprar esses contingentes que lhes faltam, directamente aos lavradores? —»

Outro disco e outro comentador:

«— Acho graça a exuberância dos problemas que os negociantes atacam, estalando de competência e vendo todo o negócio com olhos de águia — mas deixando em lacuna outros que... Por exemplo. Não se pensa na Rússia, não pedem para que se seja aproveitado esse magnífico mercado; não se dá um passo para um acordo comercial em que o Vinho do Pôrto seja trocado com a gasolina, por exemplo! E sabem vocês o que sucede? A Alemanha compra-nos meia dúzia de pipas do «Pôrto»; compra-nos baga de sabugueiro (cuja exportação devia ser proliuída); com a baga de sabugueiro, que dá a mesma percentagem de açúcar e outras, à falsificação (e sem que esta se destinga na análise) fabrica centenas de pipas de falso «Pôrto» esse «Pôrto» «béra» é depois vendido na Rússia — e nós ficamos a ver navios!»

Outra opinião ainda: «— Quando se pretender, a sério, defender os vinhos da região do Douro (especialmente os «brancos» das altitudes superior a 400 metros — verdadeiros Rhenos) compete à Confederação Sindical dos Lavradores do Douro criar uma adegas regional, dentro

do Intreposto — ou talvez em Matozinhos — onde se assegure absolutamente a garantia de origem dos vinhos virgens durienses. Mas esses vinhos, dada a sua nobreza, devem ser acautelados não só com os seus certificados de origem, como também com os das suas marcas de garantia; e exportados simplesmente ou engarrafados ou em vasilhas pequenas não superiores a cem litros. Acabava assim com a descaradíssima fraude de mil e uma marcas industriais — rotuladas como se do Douro fossem! Aliás é este o processo segundo já em Portugal com os vinhos da Madeira e até com os de Colares e de Bucelas.»

Sobre Noruega — o problema foi assim simplificado por alguém que o conhece a fundo: «— Tanta cealuma, tanto «dist tu, direi eu» — quando afinal existe só essa forma de regular a questão: impor à Noruega uma conta corrente em que nós compramos bacalhau ao nível do valor da sua importação de Vinho do Pôrto; e no caso da Noruega se recusar... recusemos-lhe o bacalhau! O bacalhau não nos havia de faltar; e quanto ao prejuízo que sofriria o Pôrto era tão inferior ao que afetaria o bacalhau norueguês que poucos mercados conta — que... aquêle país acabaria por vir às boas.»

Concluindo...

Podem dizer-nos que em toda esta reportagem se filtra a ignorância técnica do autor... Ora sobre isto — e para terminar, contar-lhes-ei um episódio oportuno...

Quando o romancista francês, Pierre Benoit, conquistou os seus primeiros êxitos com «Komegmarkt» e «Atlantide» os críticos *acusaram-no de não saber francês!* Ao terceiro triunfo — «Lac Salé» — os críticos encontraram melhor matéria de ataque: tinham espolhado da sua prosa frases inteiras de Victor Hugo... Resposta de Pierre Benoit: «Como vocês me acusavam quasi de faltas gramaticais — estendi-lhes esta cilada, para ver se, na vossa opinião, Victor Hugo também não sabia francês...» «Que les sirva a ustedes el cuento...»

REPORTER X.

O que dizem de nós os ingleses

Esta tradução é retirada do «The Times» suplemento mensal da (Annual Financial and Commercial Review) de Terça-feira, 1 de Fevereiro de 1933.

PORTUGAL

Benefícios do abandono do ouro

Do nosso correspondente em Lisboa

Quando o dr. Oliveira Salazar um simples professor de economias da Universidade de Coimbra, foi convidado pelo governo da Ditadura Militar para a pasta das finanças, foi com relutância que aceitou esse cargo.

Assim que assumiu a gerência das finanças, expressou a sua intenção, de acabar com os abusos financeiros, que constantemente ocasionavam os déficits dos orçamentos (?) e trazer logo o ano que corria e os seguintes a tais reformas, que reporia o estado financeiro da nação nas suas bases seguras.

Tão feliz foi sucedido na sua administração, que em 30 de Junho fechou o balancete que foi publicado em 30 de Novembro do ano anterior.

O super-havit do balanço de 1928-29 foi

de 286.000 contos no de 1928-29 40.000 contos e o de 1930-31 152.000 contos.

Em 1931-32 as receitas foram ao montante de 2.007.000 contos enquanto que os despesas foram de 1.857.000 contos, o que dá um super-havit de 150.000 contos.

As receitas, foram menores que nos três anos precedentes em virtude da crise, mas as despesas, também baixaram em relação.

Importações vieram para 6% menos e exportações para 4% que no ano anterior entretanto a balança do comércio teve um grande revigoramento (?)

Em 30 de Junho último o Tesouro Português tinha créditos no montante de 4.519.000 libras, nos bancos estrangeiros, e este foram gradualmente aumentados até 29 de Outubro em que se atingiu 5.157.000. Na mesma data as reservas do Banco de Portugal representavam 51% das notas em circulação. Esta situação foi devida também a que o Banco ganhou a sua causa contra Waterlow e Sons e a grande indemnização como recompensa 700.000 Libras, foi imediatamente paga.

Na exposição apresentada pelo sr. Ministro das Finanças declara que, se circunstâncias

imprevistas não ocorressem a dívida flutuante devia estar completamente extinta daqui por uns dois anos.

Para dar lugar à baixa das receitas o que não se poderá fazer sem estarem as dívidas liquidadas.

Quando Portugal acompanhou na vanguarda o Reino Unido não se retirando do padrão ouro, houve de principio grande oposição, mas depois de adotado e verem que resulta dos benefícios tais como a exportação tinha aumentado e a balança do comércio tomou novo impulso, essa oposição desapareceu.

A indústria recebeu um novo impulso, a agricultura tinha sido levantada na sua crescente baixa e o Banco de Portugal continua fortalecendo as suas reservas ouro.

No fim do ano, 22.000 libras em ouro foram recebidas do Banco de Moçambique.

Portugal é essencialmente um país agrário, e grandes tentativas teem-se feito para desenvolver a produção do trigo assim como se tem dado atenção à embalagem de frutas e vegetais para exportação.

As vindimas de 1932 foram muito exiguas, mas em compensação as de 1931 foram muito boas de que ficaram grandes «stocks» de boa qualidade.

Uma instituição foi criada pelo governo chamada Casa do Douro (Douro Control Board) a qual superintenderá à preparação e embarque do vinho do Pôrto e o protegerá de falsificação e outros abusos.

Outros ramos de negócio tais como, cortiça e sardinhas fizeram um grande negócio de exportação durante o ano, mas no presente momento existe grande miséria entre os pescadores, ocasionada pela escassez do peixe.

Está na íntegra esta tradução, com verdade ou sem ela, não tratamos de averiguar, mas é certo que todo o bom português, gosta de saber, o que dizem lá fora de nós.

Não nos põe, nem tira; é um elogio ao sr. Ministro das Finanças, justo até certo ponto e injusto por lhe chamar «simples professor».

Como republicanos liberais, admiramos a obra de Oliveira Salazar, como financeiro; — como politico — não.

Salazar é a figura de grande relêvo que marca na nossa história pretérita e presente, fanático duma ideia, impõe-se como um grande génio em consequir o que pediram dele, até aqui, tem conseguido, é provável que consiga definitivamente.

HUGO ROCHA

HUGO Rocha é dos que entraram para o jornalismo com uma mentalidade formada e uma cultura feita. Era já jornalista quando a imprensa o acolheu. E os êxitos sucessivos que iluminam a sua estrada inicial — são a «prova dos nove» do que afirmamos. Mas o maior valor de Hugo Rocha, a melhor profecia que podemos apresentar sobre a sua carreira — é a sua certidão de batismo. Novo, com carácter e espírito superiores à sua idade — e sem precocidades irritantes — a sua juventude de trabalho vitorioso bem merece os prémios que já recebeu e os que, indiscutivelmente, lhe estão destinados.

É com orgulho que o «Reporter X» inicia, neste número, a colaboração dum novo cuja obra se categorisa ao nível dos «velhos» — e de poucos «velhos».

“SALAZAR,”

(CONCLUSÃO)

profissional porque se aprovei, com os meus comentários, o que ouvi ao entrevistado — foi porque... o aprovava de facto! E sendo assim pode se discordar das ideias de um e de outro; o que não se pode é recusar ao jornalista o direito de pensar segundo a bússola do seu critério — nem acusá-lo de parcialidade, por ele não pensar como nós!

A reportagem «Salazar», pelas suas revelações políticas — não fez bom estômago a muita gente — e entre esta estão algumas individualidades tidas como amigas da situação. Estes levam o barómetro da crítica, até insinuarem que António Ferro, consciente ou inconscientemente, prestou um mau serviço ao dr. Salazar... O contra-ataque não é difícil... Conscientemente — Ferro, é demasiado lial para o fazer; e demasiado inteligente, para fazê-lo por inabilidade. Além disso — é ele quem o declara no seu livro — após as cinco palestras que teve com o Chefe do Governo, recolheu-se ao Estoril, revelou na câmara escura do seu «atelier» todos os «clichés» obtidos; leu a reportagem ao interessado; enviou-lhes as provas tipográficas para ele as rever... Por Amor de Deus! Se o dr. Salazar surpreendesse uma frase sua adulterada ou se arrependesse dela ou presentisse o tal «mau serviço» — assim como emendou «dois» para «três» quilómetros, no detalhe dum passeio campestre, teria corrigido ou suprimido a frase ou frases tóxicas...

Contudo, no prólogo do livro, escrito pelo punho do entrevistado, lê-se o seguinte:

«A questão era, no fundo, corrigir os erros de interpretação.....
..... substituir uma noção errada por uma noção exacta e justa do «homem e da sua obra». Não respondo «sim» nem respondo «não» à pergunta — se o conseguí; ponho a dúvida — se poderia tê-lo conseguido — dúvida acabrunhante, angustiada para os que põem toda a sua alma em decessar as intimidades de alguém.....
..... Dúvidas, filhas da grande dúvida posta em cima, envenenam agora maliciosamente a minha pena, para fazer arrelhar António Ferro.»

Essas dúvidas, exteriorização de um grande escrúpulo de consciência, não teem, a meu ver, razão de existirem. E se me equivoque, delas não podia nunca ser culpado o reporter.

Sobre as ideias expostas, sobre a matéria que pertence ao entrevistado e não ao entrevistador, apenas dois capítulos desejaria focar: os que se referem à liberdade da imprensa e critério sobre censura e o que diz respeito aos presos políticos. Não teria nunca a audácia e o quixotismo de me referir a tais assuntos se eles não tivessem sido corajosa e lealmente abordados em jornal e livro, e através das declarações do chefe do governo.

No que diz respeito à primeira — a minha sensibilidade de jornalista não pode aceitar as teorias do entrevistado — embora aplauda os comentários do camarada! Só à ideia da criação de uma «ordem profissional» da uma «responsabilidade jornalística» (que aliás já defendi no «Reporter X») dou a minha absoluta adesão — mas... (peço desculpa) que essa ordem sirva apenas para seleccionar, filtrar os jornalistas; exigir-lhes honra e dignidade e nunca para o machuquismo dum auto — censura... Nestas condições prefiro ser censurado pelos outros... E' mesmo doloroso para quem escreve e para quem corta...

Quanto ao segundo capítulo — que me seja permitido também discordar — dumá discordância absoluta que se estende até à nota final do livro, nota inédita, espécie de esclarecimento que em causa alguma pode modificar o pensamento — e o sentimento — dos que pensam e sentem como eu!

Por todos os motivos — e até por este! — o livro de António Ferro bem merece o triunfo que obteve. E' um livro útil para os que concordam e mesmo para os que discordam. Ficam sabendo «algo» — porque néle, como nas peças de Benavento, passa-se de facto «algo»...

REPORTER X

A tragédia dos pequenos mártires

(CONCLUSÃO)

quotidiano por essas ruas de crianças-bestas de carga; crianças, criadas de servir...

Se nós lutamos contra a escravatura negra, escravatura de homens sem a nossa sensibilidade e que teem resistência física — só porque a escravatura é a mais degradante das traições e das covardias, que o homem pode cometer entre os homens, como se admite que exista a escravatura de crianças — na Europa?

Pobres pequenos mártires! Quando vos evoco, recordo-me sempre daquela pequena escrava, dum conto russo de Chacov, tiranizada ao despotismo de um bebé de meses e que, após muitas noites de vigília para atender ao seu menino — acaba por o estrangular na revolta máxima da sua dor, do sono insatisfeito — só para poder dormir; e adormece, por fim, junto do berço onde o petiz dormia o último sono; mais feliz do que ela, porque não podia despertar nunca mais...

Vamos a isto — senhores! O vosso coração, como o meu, não fica indiferente entre a tragédia dos pequenos mártires!

Salvem-nos!

R. X.

AINDA AS GUERRAS

(CONCLUSÃO)

Na guerra entre a Rússia e o Japão há 370.000 vítimas a distribuir em 8 batalhas, cabendo à Rússia, dois terços das mortes havidas.

Ciao-Yang	43.000
Cha Ho	80.000
Hei-Ki-Tai	20.000
Monkd	92.000
Port-Arthur	60.000
Batalhas navais	5.000
Perdas diversas	50.000
Mortos no hospital	20.000
	370.000

* * *

Os horrores destas guerras passadas, são incomparavelmente superiores aos das guerras de então, mas aquelas não puderam fazer durante um século inteiro, as vítimas que fazia a guerra europeia, se na sua proporção durasse o dôbro do tempo.

Os 16 milhões do século passado, são uma bagatela comparados com os quatro anos de conflagração, que causaram 12 milhões de vítimas!

O que será a guerra de amanhã?

A civilização continua fornecendo aos seus pesquisadores, novos métodos de matar, e então, não serão os processos usados pelos guerreiros anteriores; estes, mais «modernos», mais «científicos», imitar-se-ão em destruir cidades inteiras, numa fúria epiléptica, onde não serão poupadas mulheres nem crianças!

Eis para onde caminhamos!

Eis para o que nossos filhos se destinam, se os «traficantes da guerra» levarem os seus planos a uma nova tragédia mundial!

F. C.

No próximo número

Inseriremos uma curiosa entrevista, com o senhor C. T., um importante filho do Douro. Uma sensacional reportagem sobre as «ilhas» e bairros pobres. Revelações sensacionais dum doente... De novo a *Póça das Feiticeiras*, em foco. Sensacional entrevista, entre *Reporter X* e os agentes *Vidal e Meira*.

Os escândalos da T. S. F.

Em virtude de nos ter faltado o espaço vimos-nos obrigados a adiar para o próximo número a publicação desta reportagem.

Adriano Vaz

Allotale

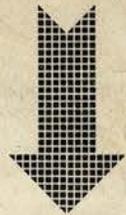
Travessa do Marmeleiro, 10
PORTO

MANUEL ABREU

Solicitador encartado

Rua da Sofia, 110-112-telef. 780

COIMBRA



Não rasure.
Empregue:

1
UM

2
DOIS

3
TRÊS

O melhor
líquido de
salar tinta



MARCA REGISTRADA

Organize a sua escrita
pelo sistema de folhas soltas
comprando os livros

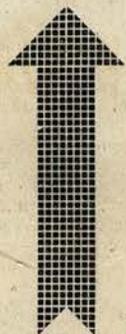
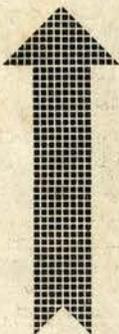
NEW WINDSOR

Moore's Modern Methods

Simplex

em vários formatos
e desde Esc. 35\$00

O mais
completo
sortido em
Artigos
para
escritório
e
Belas-Artes



PAPELARIA REIS

150, Rua das Flores, 160 - PORTO